

MEMÓRIAS DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR E ATUAÇÃO DOCENTE: reflexões a partir de fontes orais

MEMORIES OF THE SCHOOL INSTITUTION AND TEACHER ACTIVITY: reflections based oral sources

Renata Brião de Castro¹

Patrícia Weiduschadt²

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar quatro entrevistas realizadas com ex-alunos da Escola Garibaldi que estudaram nela na década de 1940. Esta escola está localizada na zona rural do município de Pelotas/RS, na localidade da Colônia Maciel. O estudo é ancorado na perspectiva teórica da História Cultural (PESAVENTO, 2004; BURKE, 2005); para referenciar a história oral, utiliza-se das reflexões de Errante (2000), Portelli (2010), Amado (1995) e Meihy e Holanda (2014); para a categoria da memória, apoia-se em Halbwachs (1990), Bosi (1994), Candau (2014) e Pollack (1992). Dessa forma, utilizam-se como fontes os depoimentos orais e alguns documentos escritos para embasar as discussões.

Palavras-chave: História oral. Memória. Instituição educativa. Escola Garibaldi.

ABSTRACT: This study aims to analyze four interviews with students of the Garibaldi School who attended it in the 1940s. This school is located in the countryside of the municipality of Pelotas/RS, in a place called Colônia Maciel. The study is anchored in the theoretical perspective of Cultural History (PESAVENTO 2004; BURKE, 2005); to make reference to oral history it uses reflections of Errante (2000), Portelli (2010), Amado (1995) and Meihy and Holanda (2014); as far as the category of memory is concerned, it is based on Halbwachs (1990), Bosi (1994), Candau (2014) and Pollack (1989, 1992). Thus, the article uses oral testimonies as sources and some documents written to support the discussion.

Keywords: Oral History. Memory. Educational institution. Garibaldi School.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar quatro entrevistas realizadas com ex-alunos da Escola Garibaldi, os quais estudaram na referida escola durante a década de 1940. Ressalta-se que este estudo está dentro de uma pesquisa maior, que busca investigar o surgimento e os anos iniciais da Escola Garibaldi, no recorte temporal estabelecido entre 1928 e 1950. Neste contexto é que se realizaram essas quatro entrevistas com pessoas que estudaram na instituição.

A Escola Garibaldi foi construída no ano de 1928, iniciando suas atividades em 1929, estando desde o seu início dentro da esfera pública municipal. Está situada no interior do município de Pelotas (RS), na localidade nominada de Colônia Maciel, 8º distrito, criada no ano de 1885 e colonizada por imigrantes de origem italiana, que chegaram à região em fins do século XIX. A Colônia Maciel é o local da região sul do estado do Rio Grande do Sul que mais recebeu imigrantes dessa etnia.

¹ Mestranda em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, bolsista CAPES. Email: renatab.castro@gmail.com.

² Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Educação. Email: prweidus@gmail.com.

Quando os imigrantes chegaram à região, uma série de serviços e/ou instituições foram necessários, entre eles a criação de uma instituição escolar. De forma breve, é válido mencionar: anterior à Escola Garibaldi houve duas iniciativas de escolas, ambas de efêmera duração, sendo fechadas por falta de frequência. A Garibaldi surge na modalidade de escola multisseriada, num contexto onde estavam sendo criadas outras escolas no interior do município de Pelotas. Conforme Cardoso e Jacomeli (2010), as escolas multisseriadas estão ou estavam organizadas somente em uma sala, com um professor para as turmas de todas as séries e se concentravam, segundo as autoras, na zona rural e periférica. Esses espaços escolares eram mais comuns na zona rural, onde o número de alunos era menor e a escola, por vezes, cumpria a função de ensinar a ler, escrever e realizar as primeiras contas.

Ressalta-se que a pesquisa se apoia na perspectiva teórica da história cultural, que considera a problematização das fontes de pesquisa, e não a descrição dos fatos (PESAVENTO, 2004).

Essa corrente teórica considera que não se reproduz os fatos tais quais eles aconteceram no passado, mas, sim, esses são reinterpretados de acordo com a teoria escolhida e, dessa forma, se reproduz uma das visões acerca do tempo histórico, fazendo necessária a crítica às fontes. Assim: “[...] Como seus colegas de história política ou econômica, os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação” (BURKE, 2005, p. 34).

Com essa corrente teórica, os pesquisadores alargaram a gama de fontes utilizadas para a pesquisa, e a história oral passa a ganhar importância nessa conjuntura.

Dado esse breve contexto, a seguir estrutura-se o artigo da seguinte maneira: inicialmente uma teorização sobre história oral e memória, e na sequência a análise das entrevistas realizadas a luz da teoria elencada.

2 A EVOCÇÃO DAS MEMÓRIAS:

METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

Ao realizarmos entrevistas sob a metodologia da história oral, é necessário conhecer a teoria dessa abordagem, bem como refletir sobre o campo da memória, visto que é uma categoria importante a tratarmos quando se realiza história oral. É preciso pensar que a memória é seletiva: lembrança e esquecimento atuam juntos neste processo. Assim sendo, torna-se imprescindível

vel pensar que não se está a reproduzir os fatos tais quais eles aconteceram, mas, sim, a reinterpretá-los, problematizando as fontes disponíveis, tendo em vista os objetivos da pesquisa. Nesta perspectiva:

[...] na relação que mantém com o passado, a memória humana é sempre conflitiva, dividida entre um lado sombrio e um lado ensolarado: é feita de adesões e rejeições, consentimentos e negações, aberturas e fechamentos, aceitações e renúncias, luz e sombra ou, dito mais simplesmente, de lembranças e esquecimentos (CANDAUI, 2014, p. 73).

Neste sentido, reforça-se a perspectiva teórica da história cultural, a qual tem por base, não uma reconstrução do passado *ipsis litteris* e, sim, uma representação desses acontecimentos, sabendo que haverá lacunas e o que se está escrevendo é uma dentre as muitas problematizações e análises.

Candau (2014), em seu livro “Memória e Identidade”, escreve sobre os três níveis da memória: a proto-memória (memória de baixo nível), memória propriamente dita (alto nível) e a metamemória. Para esse momento, aborda-se o segundo nível, ou seja, a memória propriamente dita, a qual é, conforme o autor, uma memória de recordação ou reconhecimento (CANDAUI, 2014). Nesta perspectiva, adota-se esse segundo nível por entender-se que se aproxima dos dados empíricos da pesquisa, pois as entrevistas evocam uma memória de recordação: os narradores irão rememorar os acontecimentos que lhes foram marcantes.

Outro ponto interessante, em relação à categoria da memória, são as teorizações e os estudos acerca da memória coletiva, entendendo que há, de fato, uma vinculação entre o indivíduo que lembra e as memórias relacionadas ao grupo no qual ele está inserido. Os indivíduos rememoram suas lembranças, também de acordo, com sua inserção em determinado grupo social, tendo em vista que a memória e também a identidade dos indivíduos são, em alguns momentos, moldados por um coletivo.

Para as reflexões relativas à memória coletiva, busca-se apoio em Halbwachs (1990), o qual enfatiza que a rememoração individual se assenta na memória coletiva:

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparecem porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos, ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo [...] (HALBWACHS, 1990, p. 36).

Para o autor, o indivíduo que lembra, o faz a partir de referências coletivas. Conforme Pesavento (2004, p. 94):

Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato, há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o lembrado no plano da memória pessoal, mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e de um trabalho coletivo. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer.

Ao relacionar com o lócus da pesquisa, pode-se pensar que alguns acontecimentos da comunidade permanecem na memória coletiva dos indivíduos desse local, e isso está presente, às vezes, inconscientemente, no momento da rememoração e da evocação das lembranças por meio da história oral. Recordações são evocadas pelos indivíduos, porém os acontecimentos lembrados fazem parte de uma memória que está para além do indivíduo e, sim, pertencente a um grupo e, portanto, coletiva. De acordo com Bosi, há uma relação entre a memória dos indivíduos e a memória do coletivo. Conforme a autora, “[...] a memória individual depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência a este indivíduo” (BOSI, 1994, p. 17).

Trazendo a escrita dos autores elencados para o contexto da pesquisa, é interessante pensar sobre essa relação entre a escola e a comunidade e a forma como as pessoas entrevistadas irão lembrar suas experiências, tendo em mente que a memória é construída dentro de determinado grupo, comunidade ou contexto social. É válido ponderar, acerca do pertencimento dos sujeitos entrevistados a determinado contexto ou grupo social, o que irá também influenciar no momento da rememoração e da evocação de suas lembranças.

Seguindo nessa mesma linha, relacionam-se esses estudos acerca da memória coletiva com as narrativas suscitadas pelos sujeitos entrevistados na pesquisa, uma vez que, nesse contexto da Colônia Maciel, onde as pessoas, em sua maioria, são descendentes de imigrantes italianos, estiveram e estão envolvidas nas questões do grupo e nas instituições da localidade.

Nesse contexto, faz-se uso dos estudos de Candau (2014, p. 45, grifo nosso), quando o autor disserta acerca da memória relacionada a grupos: “As sociedades caracterizadas **por um forte e denso conhecimento**

recíproco entre seus membros são, portanto, mais propícias à constituição de uma memória coletiva [...] do que as grandes megalópoles anônimas”. Em conformidade com o que já foi mencionado anteriormente, essa comunidade da Colônia Maciel formou-se devido aos processos imigratórios, e estabeleceu-se entre seus membros um sentimento de grupo: juntos colonizaram aquele espaço territorial e da mesma forma construíram ou se envolveram nas construções das instituições da localidade, tais como a Igreja e a escola.

O processo da história oral inicia-se na aproximação e na escolha dos depoentes. Assim, num primeiro momento, buscaram-se a indicação em conversas com a comunidade de alguns nomes e, também, os contatos desses primeiros possíveis entrevistados. A leitura dos livros de atas e de notas da Escola Garibaldi também possibilitou conhecer os sujeitos da história oral, ou seja, pessoas que estudaram na escola e foram alunos do professor José Rodeghiero. Com esses nomes, foi feito contato a fim de verificar a possibilidade de concessão de entrevistas e, a partir do primeiro entrevistado, possibilitaram-se o conhecimento e o contato de outras pessoas.

A partir da definição dos entrevistados, foi necessário conhecer a teoria da história oral, sobre a sua utilização como fonte:

Penso que entrevistas podem e devem ser utilizadas por historiadores como fontes de informação. Tratadas como qualquer documento histórico, submetidas a contraprovas e análises, fornecem pistas e informações preciosas, muitas inéditas, impossíveis de serem obtidas de outro modo. Pesquisas baseadas em fontes orais, publicadas nos últimos anos, têm demonstrado a importância das fontes orais para a reconstituição de acontecimentos do passado recente (AMADO, 1995, p. 134, 135).

Ao lidarmos com as fontes orais, é sempre importante observar, da mesma forma que nos documentos escritos, que não se busca uma reconstrução do passado tal qual ele existiu, pois o vivido e o (re)lembrado possuem dimensões distintas.

Nesse contexto, reforça-se o uso da História Cultural enquanto corrente teórica, uma vez que não estamos a buscar o passado tal qual ele existiu, mas, sim, uma representação desse. Quem lembra algo sempre o faz a partir do presente, com os olhos do presente.

É oportuno mencionar que as entrevistas assumem a forma semiestruturada. Sendo assim, no mencionando roteiro, há alguns tópicos abordados a fim de dar um foco para a entrevista. Entretanto, no momento da realização, outras questões podem surgir, tanto por parte do entrevistado, quanto por parte da pesquisadora.

Conforme Lozano (2006), a realização da história oral consiste em produzir conhecimentos históricos e científicos, e não uma narrativa ordenada e cronológica da vida dos sujeitos entrevistados.

Ainda conforme o autor:

O historiador oral é algo mais que um gravador que registra os indivíduos “sem voz”, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a consequente análise histórica; que seu papel como pesquisador não se limita ao de um entrevistador eficiente, e que seu esforço e sua capacidade de síntese e análise não sejam arquivados e substituídos pelas fitas de gravação (sonoras e visuais) (LOZANO, 2006, p. 17).

Meihy e Holanda (2014) diferenciam entrevista de história oral: quando a intenção é obter dados exatos, está a se realizar entrevista do modo convencional e o ato de entrevistar não equivale à realização da história oral.

Seguem os autores:

Um dos erros mais comuns é a confusão entre o mero uso de entrevistas e história oral. Entrevistas são diálogos efetuados para instruir temas ou argumento nebulosos ou informativos e seu alcance muitas vezes se esgota nisso. História oral é um processo de registro de experiências que se organizam em projetos que visam a formular um entendimento de determinada situação destacada na vivência social (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 64).

Dessa forma, embasado nas reflexões teóricas realizadas acima, serão abordadas na sequência as questões referentes à forma como foram estruturadas as entrevistas. O referido roteiro não deve ser utilizado de forma tão rígida, no sentido de não permitir surgirem novos temas quando entrevistador e entrevistado estão a conversar. É importante não tornar a entrevista um processo “mecânico”, no qual não haja espaço para reflexão de ambos os atores envolvidos. Lozano (2006) escreve que a história oral não é exclusivamente um método, mas, também, uma forma de estabelecer relações de maior profundidade com os sujeitos entrevistados. Dessa maneira, entende-se a história oral como um constructo entre as duas pessoas envolvidas, pesquisador e entrevistado.

Santos e Araújo (2007) observam que é necessário o entrevistador esclarecer ao entrevistado os motivos pelos quais está sendo realizada a entrevista, no sentido de estabelecer uma relação de confiança entre ambos os atores da história oral ou, como diria Antoinette Errante (2000), contribuindo para o “fluxo da memó-

ria”. Conforme a autora, ambos os sujeitos, entrevistador e narrador, devem construir esse laço de confiança e respeito na medida em que o evento da história oral se desenvolve.

Quanto às questões que estão no roteiro e nortearam o momento da entrevista, estão organizadas, basicamente, em dois momentos: alguns questionamentos sobre o espaço escolar e outro momento sobre o professor José Rodeghiero. No primeiro momento, as questões de forma geral referem-se ao período em que o entrevistado estudou na escola: o tempo de permanência; como era a organização da escola; organização das aulas e das turmas; turnos das aulas; festividades na escola; professores na escola. No segundo momento, questões mais específicas a respeito da atuação do professor: a sua origem; se era da comunidade ou não; se esteve presente participando na época da construção da escola; como eram organizadas as aulas; a relação entre o professor, os alunos e a comunidade de pais.

3 AS NARRATIVAS

O quadro abaixo mostra o perfil dos quatro entrevistados:

Quadro 1: Perfil dos entrevistados

Nome	Idade	Residência	Escolaridade
Jordão Camelato	74 anos	Colônia Maciel	5ª série
Pedro Potenza	80 anos	Colônia Maciel	4ª série
Olavo Camelato	77 anos	Colônia Maciel	5ª série
Maria Elda Casarin	79 anos	Cidade de Pelotas	4ª série

Fonte: Elaborado pelas autoras

Todos os narradores não viveram o período de construção da escola (1928), um dos entrevistados relembra que sua mãe estudou na instituição no seu começo com o professor José Rodeghiero, o que denota gerações diferentes de uma mesma família estudando na escola com o mesmo professor. Nesse sentido, podemos pensar a respeito da permanência desse professor na instituição escolar – 22 anos consecutivos –, visto que nas instituições escolares rurais a rotatividade dos professores era algo frequente devido à distância em relação ao meio urbano e a desvalorização dessas escolas rurais frente às urbanas. Na Escola Garibaldi, no seu início, assumiu a docência dessa escola o professor Rodeghiero, o qual pertencia àquela região, e isso certamente contribuiu para que ele permanecesse por muitos anos na instituição. Esse fator de ser da região ou não é

um ponto importante nessa época até mesmo para a manutenção dessas escolas isoladas no interior.

Quanto à época em que estudaram na Garibaldi, como já mencionado acima, foi na década de 1940. Desse período, alguns dos entrevistados rememoram o fato de haver mais professoras na escola, ocasionando um segundo turno. O trecho a seguir mostra a fala de um dos entrevistados:

Depois mais no fim teve umas professoras, não tinha professora antes que eu me lembre. Ele deu aula muito tempo sozinho, da 1ª a 5ª série, todas as turmas juntas. Sim, teve depois uma época em que era de manhã e de tarde, mas teve uma época que era tudo junto (J. C., 2015).

Nesse momento, quando começa a ter outras professoras na escola, a rotatividade dessas é considerável, elas ficam poucos meses na escola, o que corrobora na assertiva acima de ser ou não da localidade na qual a escola está inserida.

O professor José Rodeghiero escreveu um manuscrito sobre a escola Garibaldi, o qual ele intitula de “Histórico da Escola Garibaldi”, e nesse encontram-se algumas informações sobre os demais docentes da instituição. O trecho abaixo foi retirado desse manuscrito.

Em agosto de 1945 foi criado um segundo turno, regido pela distinta professora estagiária senhorinha Zilda Belchior Salengue com bom resultado em aprovações. Vindo a nova reabertura foi a seu pedido aquela professora transferida para outra escola deixando o seu nome gravado nos seus estudantes da Colônia Maciel. Em 27 de abril de 1946, em substituição aquela professora, passou o 2º turno a ser dirigido pela professora estagiária senhorinha Elsa Rodrigues das Neves que apenas lecionou 9 dias, pediu demissão de seu cargo e sendo substituída pela professora senhorinha Maria Isabel Du Pin Coelho que com maestria vem desempenhando a sua missão (MANUSCRITO, p. 03).

Como se disse acima, essas professoras mudavam muito, não permanecendo na escola por um longo período de tempo, tal qual o professor José Rodeghiero. Muitos são os motivos a se considerar no que tange à permanência dos professores nas escolas rurais, além do profissional ser ou não da mesma região da instituição, a relação com a comunidade escolar, a adaptação no meio rural.

As escolas rurais nesse contexto eram consideradas inferiores às urbanas, e nessa conjuntura os profissionais tinham, por vezes, certa rotatividade, permanecendo por pouco tempo nas instituições.

Um ponto relevante refere-se ao número de crianças matriculadas. Ao analisarmos os livros de atas de

exames finais pode-se perceber um número significativo de alunos, em média 40 alunos em cada ano. Outro aspecto refere-se às avaliações, as quais os alunos chamam de “sabatina”, conforme as narrativas. No final do ano iam até a escola pessoas externas para realizar os exames finais. Essa era uma prática comum na época, os exames finais serem feitos por pessoas ligadas à Diretoria de Educação. Aqui surge o item sobre a aprovação e a reprovação escolar. Os entrevistados não lembram se eram aprovados ou reprovados, o trecho a seguir mostra uma das falas: “[...] no fim do ano tinha os exames, provas, eu nem sei se rodei, deve estar marcado lá, não me lembro mais” (O. C., 2015). Outro aspecto relevante no que tange à aprovação escolar é a rememoração por parte dos alunos entrevistados de que naquela época não havia reprovação escolar. Conforme as narrativas era muito difícil algum aluno reprovar. Segue um excerto:

[...] Ah, ele tocava, aquilo não podia ser reprovado, tinha que passar, ah todo mundo ...era difícil ser um reprovado. [...] Ah, não reprovava. Eu acho, porque quando não sabia ele insistia até aprender, insistia, insistia. Quando é amanhã voltava “olha tem aquela matéria, tu não sabe ainda, tem matemática”, repetia quase uma semana uma matéria quando o cara estava atrasado até gravar. Eu custei a aprender matemática, mas depois gravei, aí sim, até hoje de matemática eu sou bom (J. C., 2015).

Nessa perspectiva, algumas inferências podem ser feitas. Ao analisarmos os livros de atas de exames finais da escola, percebemos um índice de reprovação considerado alto (em média 60%), nessa década de 1940. Entretanto, os entrevistados falam da não reprovação. Dessa forma, é possível que o professor não revelasse o resultado até pela concepção da educação que se tinha na época: nessas escolas isoladas, os pais queriam que os filhos se alfabetizassem, aprendendo a ler, a escrever e a realizar as primeiras operações.

Como a Escola Garibaldi era de modalidade multisseriada, no ano seguinte os alunos continuariam estudando todos juntos independente da aprovação ou da reprovação escolar. Dessa forma, isso pode ter facilitado para que a memória da reprovação escolar não fosse algo marcante para esses alunos. Para Pollack (1992, p. 203) “[...] a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”.

Para outras autoras:

[...] Ao tentar se reconstituir o passado, omitindo partes, ou extrapolando fatos, ou mesmo contando fragmentos de um todo maior, o pesquisador tenta reconstruir o passado, tenta escrever uma história. Ou seja, não está necessariamente a re-

produzir acontecimentos com fidedignidade absoluta (WEIDUSCHADT; FISCHER, 2009, p. 67).

Tendo em vista as reflexões feitas anteriormente acerca do campo da memória, essa é seletiva, constituída de lembranças e esquecimentos. Ou os alunos não sabiam se eram aprovados ou reprovados.

Outro item refere-se ao aspecto linguístico. Como já mencionado, essa comunidade se originou a partir da imigração italiana ocorrida na localidade em fins do século XIX. Sendo assim, um dos itens constante na realização do roteiro das entrevistas questionava se o ensino era em português ou em italiano (dialetos). Todos os entrevistados responderam que na escola sempre se falou em português, o uso do italiano era restrito ao ambiente doméstico. Nesse sentido, é válido ponderar acerca da época em que esses alunos estudaram na escola, a saber, década de 1940, período em que a política da nacionalização do ensino era muito forte. Eram proibidas e reprimidas as manifestações de grupos “estrangeiros” – imigrantes – e o ensino em outra língua que não o português. Sendo assim, no período em que os entrevistados dessa pesquisa estudaram na instituição escolar, era muito difícil o ensino ser ministrado na língua italiana. Entretanto, não se podem fazer generalizações de que em outros momentos sempre foi assim. Candau (2014, p. 71) pondera sobre o momento da narrativa:

[...] O narrador parece colocar em ordem e tornar coerentes os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, “sublimações”, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, vida sonhada, ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração de estratégias identitárias que operam em toda narrativa.

Nesse contexto, os indivíduos entrevistados vão rememorar ou evocar suas lembranças de acordo com o seu presente e suas vivências posteriores ao que estão recordando. Para Portelli (1993, p. 43), “a narrativa depende de fatores pessoais e coletivos”.

Ainda sobre o aspecto linguístico, os entrevistados trazem a questão de que seus antecedentes eram italianos, imigraram para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Abaixo uma fala:

A gente é italiano neh.

Meu avô, o velho Camelato que veio da Itália. Não tinha nada aqui, até estava falando esses dias, aqui o Brasil o que mexeu mais foi os imigrantes, da época que vieram, porque as origens do brasileiro mesmo eles mais criavam, agora depois quando

entrou esses imigrantes, estrangeiros, aí vieram os alemães construíram um moinho ali em baixo, lá nos Maia outro moinho neh. E os colonos iam derrubando mato, fazendo lavoura e criando e plantavam parreira, faziam vinho (O. C., 2015).

Nessa fala, podemos perceber algo recorrente quando se trata da imigração, que são alguns discursos míticos sobre o imigrante e seu espírito desbravador, que ao chegar ao Brasil trabalhou muito para conseguir o que necessitava, incluindo as escolas. Pode-se perceber na fala dos entrevistados uma lembrança dos antepassados.

Nesse ponto, é importante mencionar os acontecimentos “vividos por tabela”, tal como reflete Pollack (1992). Para o autor, existem acontecimentos pertencentes a um grupo. As pessoas não necessariamente viveram esses acontecimentos, mas os tomam para si e os figuram entre suas lembranças. Aqui, relacionamos com a presente pesquisa. Os entrevistados da história oral são descendentes das pessoas que imigraram para o Brasil e, mais especificamente, para o estado do Rio Grande do Sul e para o município de Pelotas. Por consequência, não viveram o começo da colonização na região e nem mesmo a etapa da construção do primeiro prédio da escola. Porém esses fatos estão na memória dos sujeitos entrevistados. Portelli (2010, p. 11) converge nessa direção:

[...] quando falamos em memória, não falamos de um espelho do passado, mas de um fato do presente, porque o conteúdo da memória pode ser o passado, mas a atividade de recordar, a atividade de contar a história do passado é uma atividade do presente, e a relação que se coloca é uma relação entre presente e passado.

Podemos pensar sobre a invenção das tradições que as comunidades de grupos imigrantes ao chegarem ao Brasil de certo modo inventam a tradição. Para os autores, as tradições reinventadas são:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER, 2012, p. 9).

Essa noção de coletividade está presente nessas comunidades, em que muitas vezes, em forma de mutirão e esforço coletivo, envolvem-se na construção de instituições no meio comunitário.

Sobre a importância da escola para essa região os entrevistados relembram que vinham crianças de outras localidades distantes para estudar na Garibaldi. Quando perguntados sobre ser longa a distância percor-

rida, a resposta é a seguinte: “sim, mas era a escola que tinha” (C. J. 2015). É notável a relevância dessa escola para a comunidade da Colônia Maciel quanto para regiões vizinhas. Outro entrevistado fala acerca das dificuldades da escola nessa época, mas ressalta o fato da escola nunca ter fechado **“Eu sei que era difícil. Mas a escola nunca fechou, sempre funcionou, aquela época era difícil, mas sempre funcionou,** um professor só para lidar com tantos alunos, todas as séries juntas, era muito difícil para o professor e para os alunos também” (P. P., 2015, grifos nossos). Pode-se perceber que a permanência da escola foi algo marcante nesse grupo, tendo em vista que, antes da construção da Escola Garibaldi em 1928, as outras duas escolas que houve na Maciel tiveram efêmera duração.

Ainda sobre a questão da organização escolar, outro direcionamento das entrevistas são as disciplinas escolares. Os alunos lembram-se de estudarem as disciplinas básicas como português, matemática e estudos sociais. As disciplinas de história e geografia eram acrescentadas no 4º ou 5º ano. Novamente faz-se o cruzamento das fontes, das produzidas pela história oral com as da escrituração escolar. Nos livros de notas da Escola Garibaldi constam 19 disciplinas, das quais três são itens a serem avaliados e não propriamente disciplinas, a saber, comparecimento, número de faltas e comportamento. Dessa forma, há no mencionado livro outras disciplinas avaliadas além das lembradas pelos sujeitos da história oral. Nesse momento, são válidas as reflexões de Janaína Amado sobre o que as pessoas vivem e o que lembram:

[...] vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especialidade. O vivido remete à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência (AMADO, 1995, p. 131).

Nesse sentido, pensando acerca da composição das disciplinas escolares e da memória que os entrevistados têm destas, contrapondo com os livros de registros da escola compreende-se que os entrevistados não mencionam todas as disciplinas que ali constam. A partir disso, pode-se pensar que essas disciplinas lembradas pelos narradores são as que tinham maior frequência e regularidade na organização curricular, tendo em vista que eram as disciplinas consideradas básicas para as escolas do meio rural, por se tratar das que forneceriam as noções da escrita, da leitura e das primeiras ope-

rações matemáticas. Um dos entrevistados traz essa lembrança: “Olha, escola antigamente iam aprender a escrever e fazer as primeiras contas neh e isso ai” (O. C., 2015). As lembranças rememoradas acerca da instituição escolar são em alguns momentos lembradas como um período difícil, por se tratar de uma escola multisseriada onde havia várias séries no mesmo espaço e só um professor para lecionar. O mesmo entrevistado ressalta a diferença de idade existente entre os alunos, ao estudarem vários anos escolares juntos. Em outra narrativa, é feita alusão de que o ensino só melhorou na localidade quando foi construído o atual prédio da Escola Garibaldi na década de 1970. Sobre esse ponto realizamos algumas considerações no que diz respeito à desvalorização das escolas multisseriadas frente às seriadas. As escolas seriadas se estabeleceram como um novo modelo educacional que viria como algo melhor. Nesse sentido, esse pensamento da dificuldade das escolas multisseriadas esta imbuído nessa conjuntura que valoriza a seriação. Novamente recorrendo à teoria sobre a memória, entende-se que a sua evocação é algo construído, ou seja, relembra-se a partir do presente, e logicamente está imbuída de vivências posteriores ao tempo lembrado, o que corrobora na assertiva do que Janaína Amado (1995) traz sobre o vivido e a memória. Nesse sentido, nos dias atuais, tem-se como modelo de escola a seriada e, por conseguinte, é “natural” a relação de que na escola onde havia várias turmas no mesmo espaço com um único professor seria mais difícil o ensino. Aqui, pode-se fazer a discussão a partir da “extinção” das escolas multisseriadas e a política de nucleação das escolas rurais, a qual concentra alunos em uma localidade transferindo os alunos de outras escolas para a chamada escola polo. A Escola Garibaldi, objeto desse estudo, se transformou numa escola polo a partir dos anos de 1990, recebendo mais seis escolas. A partir disso, podemos pensar algumas questões no sentido do que essa mudança representou para a comunidade, que de certa forma se manifesta de forma implícita na fala dos sujeitos entrevistados para essa pesquisa.

Fagundes e Martini (2003) escrevem acerca do impacto que causou em algumas comunidades rurais o fechamento das escolas para efetivar a nucleação. Para os autores, a escola cumpria nessas localidades um papel que ia além do espaço escolar, mas também um ambiente de socialização e confraternização para os moradores locais. A escola era o lugar onde a comunidade participava de comemorações do dia das mães, dos pais, enfim, a família era participante da vida escolar, e, com o fechamento da escola, se perderia esse sentimen-

to, digamos, de identidade com a instituição escolar. A isso se soma a questão do transporte escolar e as longas distâncias por vezes percorrida pelos alunos para chegar à escola polo. Com isso, pretende-se abordar a Escola Garibaldi a partir da fala dos entrevistados da pesquisa e tendo em mente a reflexão acima sobre o modelo de escola seriada e a implantação das escolas polos com a política da nucleação. A comunidade da Colônia Maciel ao mudar do tipo de escola multisseriada para a seriada e depois com a nucleação a Escola Garibaldi se torna uma das escolas polo da região. Dessa forma a comunidade que participava da vida escolar continuou a mesma, tendo em vista que os moradores da Maciel não sentiram mudanças quando da transformação da escola multisseriada e nem quando a Garibaldi vira escola polo, visto que a escola continuou no mesmo espaço territorial. Dessa forma, ao rememorar como era a Escola Garibaldi na década de 1940 enquanto escola multisseriada, os entrevistados trazem que era um período difícil pela quantidade de alunos e, por ser somente um professor. O que está se problematizando é o fato de que esses entrevistados hoje são os pais e/ou avós dos atuais alunos da Garibaldi. Dessa forma, as lembranças estão imbuídas do que significa também hoje a escola na localidade, que representou um ganho para a comunidade quando foi construído o atual prédio da instituição. Um dos entrevistados ressalta a permanência da escola. Mesmo sendo difícil, às vezes, o ensino, vindo crianças de outras localidades distantes, a escola nunca fechou e continua até os dias atuais com uma boa estrutura. É interessante observar que os entrevistados relembram o bom ensino da época. Eles reforçam nas falas que o professor ensinava bem e ficava gravado o que ele falava.

Outro item recorrente nas narrativas refere-se ao período de construção da estrada de ferro na localidade. É oportuno mencionar que esse item não estava previsto no roteiro elaborado pelas pesquisadoras, porém aparece de maneira espontânea na fala dos entrevistados. Essa ferrovia ligou os municípios de Pelotas e Canguçu e se configurou, na época, como o principal meio de deslocamento dessas pessoas de uma cidade para a outra e também da zona rural para a urbana. Para a construção, vieram pessoas externas à Colônia Maciel. Como o período da construção foi grande, instalaram-se na localidade familiares desses trabalhadores. Por conseguinte, as crianças dessas famílias foram estudar na Escola

Garibaldi. Primeiramente, o estabelecimento dessas famílias na colônia causou certo “estranhamento” por parte dos moradores locais, visto que a comunidade da Maciel era relativamente pequena. Seus membros se conheciam, sendo a maioria oriunda do processo migratório que ocorreu para a localidade.

Essa estrada de ferro foi construída pelo exército. Além das pessoas que vieram para a Maciel, também pessoas da própria localidade acabaram sendo contratadas para o serviço. Conforme os depoimentos, na época da construção houve um período de estiagem muito grande, o que fez com que muitos dos agricultores da região buscassem outra forma de renda, sendo empregados na ferrovia.

De acordo com os jornais (Diário Popular e A Opinião Pública), essa ferrovia teria como traçado inicial ligar os municípios de Pelotas, no sul do estado, a Santa Maria, na região central, tendo no começo uma discussão quanto ao trajeto, se o destino seria Santa Maria ou São Pedro ou Cachoeira. Porém, estabeleceu-se que fosse Santa Maria. Antes disso, como, independente do caminho a seguir, a ferrovia, partindo de Pelotas, passaria pelo município vizinho de Canguçu, foi iniciado por esse trajeto a construção. Entretanto, a ferrovia só chegou até o município de Canguçu, inaugurada no ano de 1950.

Os moradores da localidade, os quais foram sujeitos da história oral, mencionam que essa convivência entre os dois grupos não ocorreu de forma sempre harmônica, sendo comuns alguns conflitos nessa época, inclusive nos momentos de sociabilidade do grupo, tais como em festas e bailes³.

Ao finalizar uma das entrevistas e perguntar ao entrevistado se tinha algo mais que ele gostaria de acrescentar, a resposta foi a seguinte:

Era tudo tão difícil, com aquela turma, crianças do pessoal da ferrovia, eram muito atrasados, entre crianças não dava conflitos, o professor também não dava chance, fazia obedecer, pode ser que tinha tido alguma coisinha, mas não marcou muito, o professor não dava moleza para ninguém e tinha que ser naquele ambiente que tinha ali, tinha que ser. É muito diferente (P. P., 2015).

Outro entrevistado também traz essa questão da estrada de ferro quando é feita basicamente a mesma pergunta do que gostaria de falar mais. No que se refere à quantidade de alunos, os entrevistados dizem que nessa época da construção da ferrovia multiplicou-se o nú-

³ Há um banco de dados no Museu Etnográfico da Colônia Maciel com 32 entrevistas com moradores da Colônia Maciel, e nestas há muitas falas sobre a construção dessa ferrovia e como isso mudou a dinâmica do local e conseqüentemente também a rotina escolar.

mero de alunos, “aumentou o número na época da estrada de ferro, mudou a nossa zona ali. Tinha uma gu-ria que era tirana e ela tinha mais dois irmãos. Aumentou muito o número de alunos” (M. E. C., 2015).

Para além do aumento no número de alunos, as narrativas ressaltam que os alunos dessas famílias que vieram para a construção da estrada de ferro eram mais atrasados e mais bagunceiros em relação aos outros alunos. Outro aspecto elencado a partir da construção dessa estrada de ferro foi a mudança que ocorreu na localidade com a chegada de outras pessoas na comunidade. Isso teve reflexos na vida cotidiana do local, conforme depoimentos, eram comuns brigas e desentendimentos entre os dois grupos. Seguem algumas dessas falas das entrevistas realizadas:

Sim. Tinha muita gente, tinha bastante aluno uma época, a época da construção da estrada de ferro, aumentou os alunos.

Vinha gente de fora para trabalhar?

Ah, veio muita gente de fora e as crianças estudavam ali.

Mudou alguma coisa nessa época?

Olha alguns eram assim mais arteiros neh (J. C., 2015).

Como era no período que o senhor estudava na escola?

Ah, tinha um professor só, sei lá eu lembro que naquela época estavam construindo a estrada de ferro que existia ai, então tinha, eu nem sei de onde veio tanta gente, devia ser lá da Serra. Tinha gente aí, deveria ter naquele coleginho uns 80 alunos estudando, aquilo era da 1ª a 4ª série tudo misturado aquilo eu nem sei como o professor, ele chegava a ficar atacado. Um coleginho pequeno ai, tudo misturado aquilo, sei lá se vê pessoas pobres que trabalhavam na estrada até a própria educação seria difícil, para ele era difícil, naquele tempo era muito difícil (P. P., 2015).

Nesses trechos das entrevistas, realizadas no decorrer da pesquisa, foi possível perceber que houve na escola, nesse período, como na colônia de forma geral, uma mudança no cotidiano escolar. A construção da ferrovia evidenciou choque cultural entre a comunidade e os trabalhadores vindos de fora, obrigando a escola a lidar com certa diversidade na comunidade.

Outro aspecto importante nas entrevistas refere-se às comemorações na escola, especificamente as alusivas à Semana da Pátria; os entrevistados falam sobre os desfiles durante essa semana. Conforme as narrativas, havia desfiles durante toda a semana na frente da escola Garibaldi: “Naquela época, quando era sete de setembro, eles desfilavam, a gente marchava, agora meio terminou tudo, tem ainda, mas aqui na colônia no colé-

gio, não tem mais isso. Tinha assim, os tambores, os que batiam para marchar, tudo assim. No colégio, fazia-se aquele circulatório ali” (O. C., 2015).

Outra entrevistada relembra:

Que eu lembro só tinha a semana da pátria. Na semana da pátria eram 7 dias marchando na estrada, nós íamos até a ponte da estrada de ferro e voltava marchando, e tinha os guris que tinham os tambores e todos com um “V” de fita verde e amarela no tapa pó. **Ele [o professor] era muito ativo para isso** [...] (C. M. E., 2015, grifos nossos).

Em relação a essas festividades da Semana da Pátria, pode-se refletir sobre o período em que esses alunos estavam na escola. Na década de 40 do século XX, em que a política de nacionalização do ensino era bastante forte, e essa era uma localidade formada majoritariamente por imigrantes de origem italiana, e a nacionalização, segundo os pensamentos da época, era necessária. Os entrevistados lembram de uma forma saudosista desses desfiles da Semana da Pátria, como sendo algo festivo e bonito e que hoje não há mais na localidade.

Ao ler e analisar as entrevistas, outro aspecto que merece destaque é o papel do professor nessas escolas rurais na localidade na qual estava inserido. Na conversa com os entrevistados, nota-se a inserção do professor na localidade. As pessoas contam sobre graus de parentesco com o professor, e uma ligação de amizade com os filhos do professor Rodeghiero “*O professor era dali, ele morava, criou toda a família dele ali, logo acima do museu, naquela casa que tinha*” (C. M. E., 2015). Encontram-se falas que permitem observar o tamanho da comunidade, ou seja, um grupo relativamente pequeno constituído a partir da imigração, em que todos ou praticamente todos os membros se conheciam “Teve mais professoras, mas eu não sei que ano vieram, teve a Neli Afonso Rodeghiero, ela foi para lá solteira, nós íamos aos bailes juntas, e ela casou com um sobrinho dele, hoje mora aqui em Pelotas” (M. E. C., 2015). Aqui reforçamos, com base na argumentação acima sobre a inserção do professor na localidade, que ele representava uma figura importante na comunidade.

Por fim, um último aspecto propiciado pelas entrevistas refere-se à própria história oral e sua importância tanto para os pesquisadores que a praticam quanto para os sujeitos entrevistados. Portelli (2010) escreve que a história oral dá ouvido as pessoas, sendo essa uma das vantagens da sua realização. Uma fala de uma das pessoas entrevistadas elucida isso: “Isso aí, é muito bom, a gente é o alicerce do estudo, somos nós de idade, somos a pedra fundamental” (C. O., 2015). Nesse ponto, concordamos com Becker (2006, p. 28-29), quando escreve

que “[...] a história oral ocupa um lugar especial, pois permite que categorias cujo ofício não é escrever possam se expressar [...]”. A história oral possui esse particular que é registrar o que não foi escrito, e nessa conjuntura para as pesquisas em história da educação, através da história oral, podemos perceber e compreender as práticas escolares, para as quais as fontes escritas não são suficientes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações feitas nesse trabalho são reflexos de uma pesquisa maior que vem sendo desenvolvida em nível de mestrado, a qual busca investigar aspectos da Escola Garibaldi desde o seu início em 1928 até o ano de 1950. Nesse artigo, em específico, buscou-se analisar quatro entrevistas com sujeitos que estudaram na Escola Garibaldi na década de 1940. As entrevistas seguiram os preceitos da história oral, com isso foram realizadas algumas teorizações acerca da história oral e sobre o campo da memória, a fim de melhor analisar e problematizar os dados produzidos pela história oral. Os entrevistados evocaram suas memórias a partir do que foi mais significativo para si na época de alunos da Garibaldi e, também, a partir do que foi significativo para o grupo local, fazendo relação com a teorização sobre a memória coletiva e a rememoração individual.

De forma geral, os entrevistados falaram sobre suas lembranças do período escolar, ressaltando alguns aspectos referentes à Escola Garibaldi no período estudado. Entre os aspectos que figuram na memória dos entrevistados acerca da instituição educativa, podemos notar o quão significativo para a comunidade local foi a construção da escola e a permanência dela ao longo do tempo sem nunca ter interrompido suas atividades. Ao mesmo tempo, é ressaltado que “naquela época” era mais difícil o ensino em virtude do número de alunos e ter apenas um professor. Por outro lado, há algumas rememorações acerca do bom ensino na época, a forma como o professor ensinava ficava marcada. Outro item marcante em todas as entrevistas refere-se à construção da estrada de ferro na localidade e os seus impactos e, por consequência, na escola. Essa memória está bem consolidada na lembrança dos entrevistados. Mais um ponto que podemos perceber e será aprofundado no decorrer da pesquisa é a permanência do professor na escola, o que inferimos estar relacionado com o envolvimento na comunidade e nas questões do grupo, além da identidade étnica. E a manutenção da escola esteve associada a esse docente.

Como já destacado anteriormente, as entrevistas realizadas a partir da metodologia da história oral não são construídas de uma forma fechada sem espaço para outros assuntos e, nesse sentido, nas entrevistas realizadas com essas quatro pessoas apareceram na fala dos entrevistados a questão da construção da estrada de ferro na localidade e o reflexo disso na comunidade e na instituição escolar.

Cabe ressaltar que entendemos a história oral como uma construção, na qual entrevistador e entrevistado constroem ou produzem juntos os dados. Ambos os atores tem perguntas a fazer e respostas a fornecer.

REFERÊNCIAS

- A OPINIÃO PÚBLICA. **Edições de 1928 a 1950**. Bibliotheca Pública Pelotense, Pelotas/RS.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**. São Paulo, 1995, p.125-136.
- BECKER, Jean-Jacques. *O handicap do a posteriori*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006, p. 27-31.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: TA, 1994.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.
- CARDOSO, Maria Angélica; JACOMELI, Mara Regina Martins. Estado da arte acerca das escolas multisseriadas. **Revista HISTEDBR On-Line**, São Paulo, v. 10, n. 37, p. 267-290, 2010. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/3606/3139>>. Acesso em: 13 fev. 2015.
- DIÁRIO POPULAR. **Edições de 1928 a 1950**. Bibliotheca Pública Pelotense, Pelotas/RS.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem?: Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**, v. 4, n. 8, p. 141-174, 2000.
- FAGUNDES, José; MARTINI, Adair Cesar. Políticas educacionais: da escola multisseriada à escola nucleada. **Olhar de Professor**, v. 6, n. 1, p. 99-118, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.
- J. C. depoimento [jun. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006, p. 15-25.

M. E. C. depoimento [ago. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

MANUSCRITO. **Histórico da Escola Garibaldi**, escrito por José Rodeghiero.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed., 3. reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

O. C. depoimento [jul. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

P. P. depoimento [jul. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2015.

PORTELLI, Alessandro et al. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. v. 10, 1993.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/.../pdf_183>. Acesso em: 25 mar. 2015.

SANTOS, Sônia Maria; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, v. 6, p. 191, 2007. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/che/article/download/282/289>. Acesso em: 23 mar. 2015.

WEIDUSCHADT, Patrícia; FISCHER, Beatriz T. Daudt. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M. O.; FISCHER, B. T. D.; PERES, L.M.V. (Orgs.). **Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo: Oikos, 2009.